

# Explosão aborígene

Reynaldo Jardim\*

**J**osé Pereira, paraibano radicado em Brasília, acaba de chegar da Alemanha de colocou no mercado internacional o seu longa *Brasília, a última utopia*, rapsódia apoteótica composta por seis episódios dirigidos por cineastas aqui da capital. Como era de se esperar o filme não entrou no circuito brasileiro que, na verdade, é norte-americano. A iniciativa de produzir um longo com cineastas locais foi do José Aparecido, então nosso burgo-mestre. Daí nasceu a idéia da fábrica de cinema concretizada, pelo Roriz, no Pólo hoje sob a direção iluminada de Maria Abadia, ex-secretária de Cultura de Goiás.

Zé Pereira é um produtor incansável. Nadando contra a maré, já realizou por estas bandas a Sinfonia da Alvorada com Tom Jobim presente, a Semana Glauber Rocha e foi o primeiro a lembrar que Graciliano Ramos completava cem anos de nascimento. A semana GR aconteceu em toda sua plenitude, com edição de um jornal, debate, exibição de filmes e tudo a que o taciturno e genial romancista brasileiro tem e tinha direito.

Agora José Pereira ameaça, municiado por uma equipe de competentes cineastas, dinamitar os conceitos cinematográficos com a saga que começa na Semana de Arte de 22 e eclode na edificação de Brasília. É uma imensa colagem de *takes* registrando o processo de transformação da sociedade brasileira sublinhada pelos conceitos estéticos assinados pelos poetas, artistas plásticos e pensadores que participaram do evento paulistano. Quem dirige o filme é Pedro

Anísio que testemunhou durante anos, com câmara na mão e os fatos na lente, a ação de Geisel, Figueiredo, Sarney e Collor, isto é, o permanente ensaio e erro que temos vivido. Ainda como personagens, aparecem o Julinho Bressane, Ruth Rocha, Tom Jobim, Macalé, Toninho Paes, Chacal. Na cara de muitas gentes, as marcas que a história vai deixando; nas telas de muitas artes, as cores de uma estética nascida em 22 e diluída, transformada, transtornada nas últimas décadas.

Com o auxílio inicial do Pólo de Cinema e Vídeo criado pelo governador Roriz, o trabalho já começou. Ainda há cenas e documentos e sons a serem gravados para amarrar o trabalho que deverá ser exibido em outubro no Festival da Fundação Cultural, provocando, na certa, opiniões extremadas.

Da mesma maneira que alguns diziam que as obras de 22 não eram nem poemas, nem pinturas, nem arte e outros afirmavam que uma revolução cultural tinha sido deflagrada, agora em 92, mostrando que as coisas não mudaram tanto assim, "Explosão aborígene" não contará com a indiferença de ninguém, vai polarizar, dramaticamente as opiniões. Que assim seja.

Enquanto ultima sua explosão filmica, José Pereira prepara, para manter as turbinas fervendo, um espetáculo magistral para marcar o aniversário do Serviço Nacional do Comércio.

Enquanto a maioria de nós fica pensando muito e produzindo pouco, as instituições, a sociedade têm que dar força aos que não param para pensar nos riscos, mas se arriscam nessa aventura insólida que é produzir cultura.